

# } 1.2.

## Transmitir e propor a fé: encruzilhadas e desafios

José Eduardo Borges de Pinho\*

### Introdução

Começo por reconhecer – e esta é a primeira de três observações prévias que pretendo fazer – a dificuldade de abordar um tema que, em última análise, abarca a totalidade da vida da Igreja, tem a ver com as profundas transformações que estão em curso nos nossos dias (e que não dominamos nem podemos prever!), pede respostas que não sabemos exatamente como as dar (até porque muitas delas, no seu aspeto prático, não estão imediatamente dependentes do nosso pensar ou do nosso querer, em termos quer individuais quer comunitários) e sobre o qual cada cristão, desde que minimamente consciente da sua fé e da realidade que o envolve, tem também experiências próprias e as suas ideias. Em termos de futuro, temos, rigorosamente e em relação a muita coisa neste domínio, de saber deixar à ação do Espírito de Deus e aos caminhos da liberdade humana aquilo que, no hoje que vivemos, nos ultrapassa.

O que posso fazer nesta reflexão é, pois e simplesmente, apresentar o estado da questão e sublinhar alguns critérios e atitudes espirituais a adotar perante as dificuldades e os desafios que se apresentam. Estamos em tempos

\* Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa.

em que, sem pôr em causa convicções ou enfraquecer a determinação para decidir e agir, é indispensável ter uma paciência argamassada na capacidade de “sonhar”, entendendo pela palavra *sonhar* a força criativa e imaginativa que nos vem da esperança cristã.

Faço uma segunda observação prévia: nas duas palavras do título – *transmitir* e *propor* – exprime-se uma tríplice consciência:

- a) Por um lado, a transmissão da fé representa algo de basilar na estrutura crente, é a atitude básica de anúncio do Evangelho que nos identifica como cristãos e como Igreja. Não podemos deixar de transmitir o que recebemos como dom, na percepção do valor essencial desse dom, sabendo sempre que não se trata simples e primordialmente de transmitir ideias, uma doutrina ou regras morais. Trata-se – e este é o núcleo e o critério de toda a transmissão da fé – de ajudar a que as pessoas descubram o significado que pode ter para a sua vida a pessoa de Jesus e seu Evangelho como expressão última do amor de Deus para com a humanidade<sup>1</sup>. O que nos é pedido é que ajudemos a criar condições para que tal aconteça e que, nesse encontro, a proposta da fé apareça como opção razoável e crível para o sentido da vida pessoal e para a humanidade no seu conjunto.
- b) Por outro lado, poder-se-ia falar com naturalidade de “transmissão da fé” num contexto em que a vivência cristã era suportada maioritariamente pelo tecido social e pela ambiência cultural, encontrando assim um suporte amplo de plausibilidade. Num contexto de mutação socio-cultural de grande amplitude e profundidade, um contexto de “transição” cada vez menos marcado por suportes de cristandade e cada vez mais determinado pelo sentido de autonomia do indivíduo e pela subjetividade das suas opções, percebemos que, rigorosamente, se trata sobretudo de “propor a fé”<sup>2</sup>: sem as estruturas sociais de apoio e o contexto de plausibilidade tradicionais, o anúncio que a Igreja é chamada a fazer fica agora decisivamente dependente da força da sua fé. As duas palavras –

<sup>1</sup> Cf. SÍNODO DOS BISPOS – XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Instrumentum Laboris*, n.º 18, in [http://www.vatican.va/toman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20120619\\_instrumentum-xiii\\_po.html](http://www.vatican.va/toman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html). (consulta confirmada a 12.2.2012).

<sup>2</sup> Nesse sentido foi pioneira a reflexão dos bispos franceses, redigida por Mons. Claude Dagens, um texto que ainda hoje merece particular atenção: *Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France. Rapport rédigé par Mgr Claude Dagens pour la Conférence des évêques de France*, in *La Documentation catholique* 2149 (1996) 1016-1044. Cf. ainda *La Proposition de la foi dans la société actuelle. Rapport de Mgr Claude Dagens, évêque d'Angoulême*, in *La Documentation catholique* 2105 (1994) 1042-1059, CL. DAGENS, *Proposer la foi dans la société actuelle. Un projet pour l'Église au seuil du XXI.º siècle*, in *Nouvelle Revue Théologique* 121 (1999) 372-385; J. MARTÍN VELASCO, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, Coimbra 2005, 26 ss e 59 ss.

*transmitir e propor* – não se excluem, mas têm contextualizações, estados de consciência e pressupostos de ação diferentes.

- c) Em rigor de termos – sabemos isso, mas nem sempre temos bem presente este dado elementar –, a fé não se transmite pela força da nossa palavra ou ação, pois é dom de Deus acolhido numa decisão de liberdade pessoal. Nunca está em causa, pois, simplesmente uma questão de métodos, de estratégias e de meios, por mais que eles sejam também importantes. Os desafios que a transmissão da fé nos nossos tempos incertos colocam são de ordem mais profunda e radical: somos interpelados a descobrir o que se passa entre Deus e os homens e mulheres do nosso tempo, que caminhos Deus quer percorrer para os encontrar e fazer nascer para uma nova vida, de que modo a Igreja é convidada a transformar a sua maneira tradicional de viver e expressar a sua fé para permitir a abertura crente ao Mistério de Deus<sup>3</sup>. Estamos no domínio do encontro singular e íntimo, da conversão do coração, não como condição prévia e extrínseca, mas como disposição permanente e interior na atitude crente. O que diz respeito não apenas aos outros, mas antes de mais a nós próprios<sup>4</sup>.

E, finalmente, uma terceira observação prévia. Opto conscientemente por um registo prático-pastoral. O assunto em análise pede-o, e creio que é chegado o tempo de irmos mostrando que o discurso teológico sistemático, se fundamentado, é a verdadeira base de uma ação pastoral criteriosa e coerente. Na perspetiva referida de sugerir como é possível criar condições de possibilidade de proposta e transmissão da fé nas atuais circunstâncias do nosso mundo, estruturei esta reflexão em oito pontos.

## **1. A disponibilidade para um processo de aprendizagem a partir de uma leitura lúcida da realidade, conducente a um agir criativo e com coragem**

### **1.1. A exigência de uma leitura lúcida da realidade**

Aponta-se, antes de mais, para a indispensável disponibilidade para um longo e permanente processo de aprendizagem, a partir de uma leitura lúcida, criteriosa e autocrítica da realidade. Esta disponibilidade enraíza-se, antes de

<sup>3</sup> Cf. H. DERROITTE, *Advenir catéchiste*, in *Lumen Vitae* 61 (2006) 384.

<sup>4</sup> Cf. J.-L. SOULETTE, *Une désignation théologique du présent comme crise*, in H.-J. GAGEY – D. VILLEPELET (dir.), *Sur la proposition de la foi*, Paris 1999, 26 s.

mais, num pressuposto fundamental de mentalidade, numa decisiva atitude de espírito: a convicção de que os tempos que vivemos não são nem mais difíceis nem mais fáceis do que outros tempos, de que a situação atual não é nem melhor nem pior do que a vivida noutras épocas. Se enfrentamos grandes desafios, também sentimos que estaremos diante de oportunidades únicas.

Certamente que os tempos que vivemos são diferentes do que conhecíamos, mas muito do que é hoje posto em causa e estamos a perder pode tornar-nos mais inseguros, mas – rigorosamente – é uma purificação indispensável, pode ser mesmo uma oportunidade para a emergência de um cristianismo renovado e um desafio para fazer ressaltar o significado que o verdadeiro seguimento de Jesus pode continuar a ter. Nós – temos de o reconhecer – é que, muitas vezes, pela nossa maneira de pensar e de agir tomamos o nosso tempo e as nossas circunstâncias mais difíceis. As dificuldades presentes – que não se pretende subvalorizar ou menosprezar – estão inseridas numa situação global que se apresenta também com novas possibilidades para um anúncio interpelativo do Evangelho<sup>5</sup>. Não somos nem podemos ser “profetas da desgraça” (João XXIII), mas pessoas animadas por uma grande esperança, ainda que o que vemos noutros países do Ocidente e nas situações que aí envolvem a vida da(s) Igreja(s) nos deva servir como sinal de alerta e de interpelação no sentido de assumirmos uma atitude de esperança realista<sup>6</sup>. Quero dizer: deixar de pensar e de agir em termos de “cristandade” e abrimo-nos a uma situação em que a questão de Deus, o papel da Igreja, as configurações da fé se colocam de modo muito diferente daquilo a que estávamos habituados.

Se tomamos isto verdadeiramente a sério, então a tarefa prioritária é a exigência de uma leitura atenta e lúcida da realidade para percebermos com rigor onde estamos<sup>7</sup>. Bem sabemos que esse “onde estamos” é não só diferente de país para país, como é diferente dentro do nosso próprio país (e, a maior parte das vezes mesmo, dentro de cada diocese). Também não se ignora que a leitura da realidade pode ser feita sob perspetivas, pressupostos e intencionalidades diversas. Mas, humana e cristãmente, não temos alternativa: obriga-nos a

<sup>5</sup> Cf. I VESCOVI AUSTRIACI, *Annuncio e nuova evangelizzazione*, in *Il Regno – Documenti*, 1.9.2012, n.º 15 (1128) 489 (4.1.1.).

<sup>6</sup> Cf. L. VOYÉ – K. DOBELAERE, *Une déculturation annoncée. De la marginalisation de l'Église catholique en Belgique*, in *Revue théologique de Louvain* 43 (2012) 3-26; J. GONZÁLEZ-ANLEO, *La situación sociorreligiosa en España*, in *Vida Nueva*, n.º 2680, 24 a 30/10/2009, 23-30; J. MARTÍN VELASCO, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, 33-72.

<sup>7</sup> Elementos de diagnóstico podem encontrar-se, entre muitos outros textos possíveis, em M. A. MEDINA ESCUDERO, *Desafíos para creer hoy*, in *Theologica*, 2.ª Série, 47, 1 (2012) 31-59, particularmente 33-52; P. LOPES, *Para uma sociologia do catolicismo*, in *Communio* 28 (2011) 493-507; J. L. MORAL, *Repensar-reconstruir com os jovens a fé e a vocação cristãs* (texto policopiado de uma intervenção no VI Forum Nacional das Vocações, em Fátima, 2009).

isso a "lei da encarnação", que qualifica o cristianismo e que, do ponto de vista tanto hermenêutico como metodológico, é essencial para a eclesiologia e decisiva para toda a espiritualidade cristã<sup>8</sup>. Exemplifico com, entre outros possíveis, apenas cinco aspetos envolvidos nessa leitura da realidade.

- a) Trata-se, antes de mais, de tomar consciência das transformações "epocais" acontecidas e que prosseguem, com todas as suas consequências: por exemplo, o fim duma afinidade estrutural Igreja-Estado, sinalizada na *Declaração sobre a Liberdade Religiosa* do Concílio Vaticano II, ou os caminhos de uma nova relação com a modernidade e a pós-modernidade (ou modernidade tardia, entre outras designações que aqui e acolá aparecem), como emerge, germinalmente mas de forma muito interpelativa, na *Gaudium et Spes*<sup>9</sup>.
- b) Está em causa também compreender e assumir conscientemente os pressupostos e as consequências da historicidade do viver humano e do viver crente, designadamente no que respeita à percepção profunda das próprias mudanças ou relativamente ao seu significado para a formulação da verdade cristã. Ainda que esteja aqui um elemento determinante – se não for mesmo o mais determinante! – de muita coisa que hoje sentimos como problema e tarefa a diversos níveis, ainda não se percebeu e assumiu em todas as suas expressões e consequências o que esta dimensão da historicidade significa.
- c) Importa compreender também a realidade da pluralização da sociedade em todas as suas repercussões, tomando nota da autonomização das pessoas e suas opções e compreendendo que essa pluralidade atravessa a própria consciência dos crentes. Não há, assim, outro caminho, a todos os níveis, senão inscrever a proposta cristã sob o sinal da liberdade, com tudo o que isso implica em termos estruturais, educacionais, testemunhais.
- d) Trata-se igualmente de compreender a complexidade de uma realidade em que a continuação de processos de secularização questiona a opção crente<sup>10</sup>, mas em que há, simultaneamente, interpelações resultantes de uma revivescência do religioso não institucionalizado em múltiplas e até

<sup>8</sup> Cf. *Lumen Gentium*, n.º 8.

<sup>9</sup> Cf. P. HÜNERMANN, *Kriterien für die Rezeption des II. Vatikanischen Konzils*, in *Theologische Quartalschrift* 191 (2011) 126-147, particularmente a síntese em 127.

<sup>10</sup> Seria errado – o que acontece com certa frequência – anunciar triunfalmente o fim da secularização. Uma coisa é a "tese da secularização", tal como ela foi formulada no passado e que se revelou uma interpretação puramente ideológica e, por isso mesmo, está a ser desmentida pela realidade; outra coisa é a prossecução, evidente, de processos de secularização, com todas as interpelações aí contidas.

equivocas manifestações (ao ponto de se poder dizer que "a religião venceu Deus")<sup>11</sup>. A questão do que significa, que interpelações coloca e que respostas exige esta revivescência do religioso permanece como motivo de reflexão da maior atualidade.

- e) Dessa leitura ressalta ainda a tarefa de superar desfasamentos culturais inúteis que põem em risco a credibilidade da fé, o que acontece ao permanecer-se em esquemas de pensamento, mentalidades, linguagens que, cultural e existencialmente, se manifestam claramente desadequadas: na catequese<sup>12</sup>, nas homilias, na formulação dos juízos morais, no modo de lidar com as pessoas. Há caminhos de proposta da fé que se fecham pela falta de razoabilidade das nossas ideias feitas.

## 1.2. Inculturação da fé e diálogo no interior da Igreja

Trata-se, no fundo, de perceber o melhor possível um mundo em mudança, a exigir que os crentes se situem de outro modo no tempo e nos contextos de vida que são os nossos, voltando às raízes mais profundas da sua fé. Duas ilações básicas são de tirar daqui.

- a) A partir de uma atitude de escuta das pessoas e de compreensão da realidade envolvente, é indispensável uma nova inculturação da fé no nosso contexto europeu-ocidental<sup>13</sup> e, concretamente, português face a exigências decorrentes de ritmos novos de tempo, outros modos de relação com o espaço, aquisições de novos conhecimentos, linguagens diferentes. Há muita coisa na experiência cristã que poderia emergir com força interpelativa se estivessemos mais disponíveis para perceber a nossa situação atual como abertura a caminhos de aprendizagem e de reinculturação da fé, com imaginação criativa e capacidade anímica e espiritual para correr sem medo alguns riscos. Um certo cansaço que se respira em muitos

<sup>11</sup> Cf., como descrição sumária de diversos aspetos aqui envolvidos, J. ANTOLÍN SÁNCHEZ, *La crisis de lo religioso. Tiene futuro la religión?*, in *Revista Agustiniiana* 157 (2011) 23-56.

<sup>12</sup> Cf. A. FOSSION, *La Nécessaire révision des représentations religieuses aujourd'hui*, in *Lumen Vitae* 65 (2010) 365-382.

<sup>13</sup> Cf. P. TIHON, *L'Église, les religions et la culture moderne*, in *Nouvelle Revue Théologique* 126 (2004) 444 s.; *ID.*, *Croire grâce à l'Église? Croire malgré l'Église?*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 408 ss.; H. LEGRAND, *Présence et action de l'Église dans les sociétés occidentales en voie de sécularisation. Analyses et suggestions cinquante ans après Vatican II*, in *Didaskalia* 42 (2012) 67 ss.; Ch. THEOBALD, *La regola è il discernimento. Il cuore del Vaticano II per chi non l'ha vissuto. Un Enchiridion per il 50°*, in *Il Regno – Attualità* 12 (2012) 388-390; SÍNODO DOS BISPOS – XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Instrumentum Laboris*, n.º 87.

cristãos e no quotidiano das nossas comunidades terá que ver com algum estiolamento da vitalidade da fé, mas prende-se também (talvez decisivamente) com a percepção da inutilidade de muitos esforços, com a ausência de gestos e decisões de esperança sob o horizonte do futuro, com uma certa “fadiga eclesial” que nos vai atravessando a todos<sup>14</sup>. A questão da prática dominical indica-nos isso com toda a clareza: a questão é se queremos perceber os sinais, melhorar e mudar.

- b) Só é possível encontrar formas mais adequadas de pensamento e de ação, se aprendermos a falar mais e melhor uns com os outros, confrontando leituras diferentes da realidade, procedendo a indispensáveis processos de discernimento, descobrindo novos caminhos de ação pastoral. O diálogo na Igreja é cada vez mais fundamental, aos mais diversos níveis<sup>15</sup>: desde a pequena comunidade cristã e seus órgãos de corresponsabilidade às instâncias da Cúria Romana e ao próprio modo de exercício do ministério do bispo de Roma.

Há questões que se colocam (por exemplo, a questão dos ministérios na Igreja) que não podem ser resolvidas ao nível da comunidade cristã ou duma diocese, nem sequer a nível de Conferências Episcopais. Mas um dos grandes problemas que afeta uma proposta credível e pertinente da fé passa, hoje, frequentemente por um “silêncio” de resignação, por vezes até por algum receio, que atravessa o nosso viver em Igreja, de pensar e de expressar o seu sentir em voz alta (porquê determinadas leituras da realidade e expressões de opinião aparecem só quando as pessoas já ultrapassaram os seus condicionamentos institucionais ou têm tanto eco só após a sua morte?)<sup>16</sup>.

É indispensável criar mentalidades e dispor de condições para poder partilhar o que cada cristão vai vendo e pensando, a fim de se ir gerando progressivamente uma sensibilidade nova, uma capacidade de discernimento ativo, um compromisso comum eficaz. Estará aqui um dos maiores défices no processo da receção conciliar, bem notório desde logo na vida real das nossas comunidades cristãs.

<sup>14</sup> “Notamos algum cansaço e desânimo da parte dos evangelizadores. Chocam com o desinteresse das pessoas do nosso tempo que se mostram indiferentes à prioridade de Deus e à dimensão espiritual da vida e não dão ouvidos ao anúncio do evangelho. A catequese não fideliza os destinatários como esperávamos, há uma rutura na transmissão da fé às novas gerações, os frutos não correspondem ao trabalho pastoral”: *Nota Pastoral do bispo de Santarém para o Ano Pastoral 2012-2013*, 31 de julho de 2012, in <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&id=92058> (consulta verificada a 8.2.2013).

<sup>15</sup> Cf. H. LEGRAND, *Présence et action de l'Église*, 63 ss; H. POTTMEYER, *Estruturas de diálogo na Igreja e comunhão. Teologia do Concílio Vaticano II*, in *Communio* 29 (2012) 287-296.

<sup>16</sup> Cf. A. R. BATTLOG, *Der unerhörte Kardinal*, in *Stimmen der Zeit* 230 (2012) 793 s.

## **2. O reconhecimento e a valorização da riqueza da pluralidade possível de testemunhos, caminhos, meios de propor a fé**

### **2.1. O reconhecimento e a valorização da pluralidade existente**

Um dos pontos centrais do nosso diálogo interno eclesial tem de ser, precisamente, a assunção da real, legítima e indispensável pluralidade que envolve a Igreja e o cumprimento da sua missão evangelizadora<sup>17</sup>. Ainda que, intuitiva e existencialmente, sejamos todos confrontados aqui com uma realidade óbvia, a verdade é que há limitações estruturais de pensamento e de prática neste aspeto de perceção e acolhimento da realidade.

Quando nos colocamos hoje a questão da transmissão e da proposta da fé, uma outra sensibilidade nos é pedida no reconhecimento e na valorização daquilo que vai sendo feito, na necessidade de interiorizar a pluralidade possível de caminhos de vivência da fé e de formas pelas quais ela pode ser transmitida e proposta. Dada a diversidade de situações, fases de vida, situações espirituais, etc., só uma atitude aberta à riqueza da pluralidade imensa possível de meios, iniciativas, formas, experiências, pode contribuir para uma adequada e o mais possível eficaz proposta da fé. Um dos riscos tradicionais da vivência católica é o monolitismo que, interiorizado, leva muitas pessoas a pensar de maneira unilateral e clubista a partir da sua situação ou da sua experiência de Igreja (só o meu "movimento" é que é bom; só desta maneira ou daquela é que se é fiel ao Evangelho. . .) e a não reconhecer e a não valorizar o diferente, esquecendo que a comunhão eclesial e a vivência na mesma fé só podem realizar-se numa legítima diversidade. Por outro lado, nem sempre há, por parte dos cristãos e das diversas instâncias eclesiais, as indispensáveis atenção e capacidade para ler e acolher positivamente as experiências que vão sendo feitas aqui e acolá e que apontam para caminhos inovadores de anúncio do Evangelho, de presença da Igreja e de configurações da fé na situação atual.

### **2.2. Alguns aspetos exemplificativos**

A partir deste pressuposto básico, que aponta no sentido de se valorizar o que já existe e de potenciar criativamente as suas possibilidades, que caminhos e testemunhos se apresentam? Enuncio, como exemplificação, só alguns aspetos.

<sup>17</sup> Cf. A. FOSSION, *Announce et proposition de foi d'aujourd'hui. Enjeux et défis*, in *Lumen Vitae* 67 (2012) 277.

- a) Importa valorizar, de modo mais consciente e consistente, a importância crucial do testemunho espontâneo e coerente do modo cristão de viver, bem como da palavra simples, sincera, que emerge e intervém com naturalidade nas múltiplas situações do quotidiano. Ontem como hoje, continua a ser decisiva a transmissão de pessoa a pessoa, o indispensável contacto pessoal, o testemunho de uma vida vivida com simplicidade e verdade, deixando transparecer o estilo cristão de viver<sup>18</sup>. Todavia, esta densidade da identidade cristã que se desvela com verdade e coerência a partir de um modo de viver (nos gestos, nos exemplos de vida...) e de uma palavra dita com naturalidade exige ser estimulada e capacitada. Só é possível ultrapassar uma certa mudez e falta de visibilidade que nos afeta como cristãos, tornando-nos mais capazes de saber dar razões da esperança que temos em nós, se se fizer um trabalho profundo de estímulo e capacitação nesse sentido, o que exige que se pergunte pelas condições indispensáveis para essa capacitação.
- b) Outro aspeto crucial a ter em conta é a consciência de que as comunidades paroquiais, outras expressões comunitárias ou as comunidades associativas têm necessidade umas das outras para a sua própria identidade e missão; não podem entender-se e funcionar como realidades mais ou menos estanques, fechadas em si mesmas. Para o sistema paroquial tradicional, isso significa a exigência de abrir as suas fronteiras para além dos limites territoriais e das legítimas autonomias locais, o que, em rigor de termos e mais do que às vezes se imagina, pressupõe uma grande abertura de espírito dos seus primeiros responsáveis bem como por parte dos cristãos que vivem nesses espaços. Para os antigos e novos movimentos, exige-se não menor abertura de mentalidades, sentido de Igreja, espírito de catolicidade, o que é mais fácil de dizer do que de compreender e praticar em todo o seu alcance<sup>19</sup>.
- c) São indispensáveis os enquadramentos regulares e institucionalizados que permitem, através das diversas mediações existentes e outras possíveis, transmitir e propor a fé. Mas há igualmente a necessidade de reconhecer o significado e as repercussões existenciais que podem ter acontecimentos e iniciativas pontuais e ocasionais, que se tornam verdadeiros "eventos comunitários de fé" (por exemplo, Jornadas Mundiais da Juventude, iniciativas dinamizadas por Taizé, grandes assembleias ecuménicas, encontros

<sup>18</sup> Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n.º 46; I VESCOVI AUSTRIACI, *Annuncio e nuova evangelizzazione*, 490 (4.4.); RODRÍGUEZ PANIZO, P., *De la condición simbólica del testigo*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 337-348.

<sup>19</sup> Cf. a este propósito G. ROUTHIER, *Paroisses et mouvements: une tension postconciliaire?*, in *Didaskalia* 42 (2012) 29-47.

- de diálogo inter-religioso abertos às comunidades cristãs, etc.). Conjugar estas duas vertentes exige sensibilidade, atenção e perspicácia pastorais.
- d) Há todo um “novo mundo”, cada vez mais decisivo, dos meios de comunicação social, que não só não pode ser ignorado como tem de ser prioritariamente valorizado. Estamos diante não apenas de um meio de transmissão e proposta da fé, mas de um lugar mesmo de vivência da fé. Neste aspeto – que se voltará a sublinhar mais adiante – estamos, de facto, no início de algo que já está e irá ainda mais “revolucionar”, de um modo impossível de imaginar, os modos de transmitir e propor a fé.
- e) Tem-se, enfim, de prestar atenção às inúmeras possibilidades no que respeita a propostas de espiritualidade que vão sendo feitas. Neste ponto existe bem mais do que muitas vezes somos capazes de conhecer e reconhecer. Pede-se, apenas e antes de mais, que se tome consciência do que já existe, dê lugar à indispensável criatividade, se aprenda a acolher o potencial evangelizador aí existente.

Nesta valorização da pluralidade não se trata de reproduzir o individualismo absolutizado que marca muitas vezes a mentalidade e o modo de agir dos nossos contemporâneos. Trata-se, sim, de reconhecer a diversidade dentro da Igreja como uma riqueza e uma oportunidade. O que importa é verificar em que medida temos consciência de que o anúncio do Evangelho e a proposta da fé é um processo multifacetado, polifónico, que não podemos nem devemos controlar.

### **3. Assumir com coerência e persistência a necessidade de uma profunda renovação pastoral das nossas comunidades cristãs**

#### **1.1. A exigência de uma profunda renovação pastoral**

Não se poderá projetar uma renovação da transmissão e da proposta do Evangelho sem admitir e procurar realizar, ao mesmo tempo, uma revisão profunda do nosso dispositivo pastoral, concebido mais para o enquadramento do cristão do que para a gestação, o surgimento de novos crentes<sup>20</sup>. Exige-se a passagem de uma mentalidade de manutenção a uma atitude de proposta da fé, o que passa por repensar profunda e eficazmente as nossas prioridades e o nosso estilo pastorais. A reconfiguração comunitária da vida cristã e a reforma das suas estruturas são indispensáveis para uma transmissão da fé mais credível:

<sup>20</sup> Cf. A. FOSSION, *Announce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 269 ss; H. DERROITTE, *Advenir catéchiste*, 388.

A hipótese que eu formulo aqui pode ser enunciada desta maneira: tanto a paróquia como a catequese permanecem hoje ainda pensadas e organizadas sobre representações da religião que a abordam ainda sob formas culturais monorreligiosas, saídas dos espasmos do século XVI, onde a vida cristã é feita de hábitos pouco justificados, de adesões pouco deliberadas, de estruturas clericais fortemente estruturadas, onde 'doutrina e disciplina pareciam ao abrigo das convulsões' e onde a transmissão religiosa era suportada por esta estrutura englobante.<sup>21</sup>

A "pastoralidade" que marcou a intencionalidade e a prática estruturais do Concílio Vaticano II traduziu-se e expressa-se precisamente no convite a construir, hoje, o modo de viver a fé e ser Igreja a partir da nossa situação e interpelações atuais<sup>22</sup>. Não há soluções feitas, mas os responsáveis pastorais têm de se abrir à possibilidade de processos e formas de experimentação, procurando ver como, em concreto, podem ser ultrapassadas as dificuldades que surgem e encontradas as respostas mais adequadas. Em síntese, requer-se da comunidade dos cristãos uma espiritualidade missionária alimentada pelo Evangelho e, ao mesmo tempo, ajustada ao nosso tempo.

<sup>21</sup> H. DERROITTE, *Réinventer la catéchèse dans un monde en mouvement*, in *Lumen Vitae* 63 (2008) 352. Cf., ainda que numa perspectiva de reflexão mais ampla, CH. BÖTTIGHEIMER, *Kirchlicher Reformbedarf*, in *Stimmen der Zeit* 230 (2012) 187-196.

<sup>22</sup> Cf. CH. THEOBALD, *La Réception du Concile Vatican II. I. Accéder à la source*, Paris 2009, em particular 879-900; ID., *O estilo pastoral do Vaticano II e sua recepção pós-conciliar. Elaboração de uma criteriológica e alguns exemplos significativos*, in *Perspectiva Teológica* 123 (2012) 217-236; J. E. BORGES de PINHO, *Uma hermenêutica criativa ao serviço da renovação pastoral. Em torno da recepção do Concílio no contexto português*, in *Didaskalia* 42 (2012) 101 ss. Neste contexto há que sublinhar as palavras de Bento XVI, depois de se ter referido ao discurso de abertura do Concílio pelo Papa João XXIII: "À luz destas palavras, entende-se aquilo que eu mesmo pude então experimentar: durante o Concílio havia uma tensão emocionante, em relação à tarefa comum de fazer resplandecer a verdade e a beleza da fé no hoje do nosso tempo, sem sacrificá-la frente às exigências do presente, nem mantê-la presa ao passado: na fé ecoa o eterno presente de Deus, que transcende o tempo, mas que só pode ser acolhida no nosso hoje, que não torna a repetir-se. Por isso, julgo que a coisa mais importante, especialmente numa ocasião tão significativa como a presente, seja reavivar em toda a Igreja aquela tensão positiva, aquele desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo. Mas, para que este impulso interior à nova evangelização não seja só um ideal e não peque de confusão, é necessário que ele se apoie sobre uma base concreta e precisa, e esta base são os documentos do Concílio Vaticano II, nos quais este impulso encontrou a sua expressão": BENTO XVI, *Santa Missa para a abertura do Ano da Fé. Homília do Papa Bento XVI – 11 de outubro de 2012*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20121011\\_anno-fede](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede) (consulta confirmada a 8.2.2013).

### 3.2. Alguns critérios básicos a ter em conta

Sublinho, neste contexto, quatro pontos.

- a) Há que repensar vários aspetos da pastoral paroquial, abrindo-se progressivamente à renovação dos modelos de vida eclesial e à dimensão missionária da sua presença<sup>23</sup>. Não obstante os limites do princípio da territorialidade em termos pastorais, mantém-se o lugar imprescindível da paróquia como uma referência identitária preciosa que permanece, apesar de todas as mudanças, e que é chamada a ser “católica” na sinalização de um acolhimento permanente a todo aquele que vem ter com ela ou precisa dela. Diferentemente de uma seita, a Igreja terá de ser sempre um espaço e uma presença em que as pessoas participam em diversos ritmos, com diversas consciências culturais, com diferenças de perceção e de acolhimento do acontecimento cristão.

Mas, reconhecido isto, a paróquia não pode permanecer aquela configuração institucional que, rotineiramente, vai mantendo e gerindo o possível; antes tem de assumir na consciência dos crentes e nas suas opções estruturais um horizonte missionário. O que passa pelas prioridades pastorais que se têm (pelo que se faz e pelo que se deixa de fazer); pela qualidade e diversidade das formas de anúncio da fé; pela interioridade e profundidade da celebração da fé; pela capacidade de ir ao encontro das pessoas na sua situação; pela transparência do serviço no meio envolvente; pelo espírito de acolhimento e de fraternidade que transparece no modo de viver dos cristãos; pelo grau de formação dos agentes pastorais mais determinantes (padre, ministros, catequistas...). A questão decisiva tem menos a ver com o número de crentes e muito mais com a verificação se estamos perante comunidades verdadeiramente criativas e significativas de presença e testemunho cristãos, ainda que porventura minoritárias no meio ambiente que as rodeia.

Nesse sentido, a pergunta crucial é: o que somos e fazemos como comunidade cristã merece a credibilidade dos que nos veem, dos que vivem no nosso contexto ambiental, dos que acidentalmente nos procuram? Que

<sup>23</sup> Cf. F. MOOG, *La Conversion missionnaire des communautés paroissiales. Un défi pour la nouvelle évangélisation*, in *Lumen Vitae* 67 (2012) 203-219; L. VOYÉ, *De fidèles soumis aux clients bricoleurs. Quel avenir pour la paroisse?*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 7-15; N. PROVENCHER, *Vers la paroisse responsable et évangélisatrice*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 57-71; B. MALVAUX, *Structures paroissiales et mission: deux réalités antagonistes? Plaidoyer pour dépasser une opposition stérile*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 83-94; G. ROUTHIER, *Nouvelles paroisses. Chances ou impasses pour l'évangélisation?*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 95-108.

"sinais" dá a comunidade cristã que tornem credível e atraente a existência crente? Pode haver gestos "provocativos", de teor tradicional ou mais "inovadores", mas, em última análise, só têm sentido evangelizador se envolvidos em todo um conjunto mais amplo de um estilo coerente de vida e de um modo de presença na sociedade<sup>24</sup>.

- b) O fundamental aqui, certamente num enquadramento mais amplo que a realidade paroquial, mas estruturante como suporte de todo um modo de pensar e de agir, passa por uma criteriologia que temos de interiorizar e que não pode deixar de fazer parte do nosso quotidiano: a passagem duma Igreja concebida como "instituição de salvação" a uma Igreja que se entende, apresenta e realiza como "sacramento de salvação". Exige-se uma nova percepção do que significa a sacramentalidade da Igreja, vivendo uma "eclesialidade descentrada"<sup>25</sup>. Estará aqui – afirma Juan Martín Velasco – uma das causas principais das dificuldades de propor hoje a fé: "A raiz dessas dificuldades para dar com as formas adequadas de presença está, em meu entender, nessa perversão da identidade do cristianismo conhecida como 'eclesiocentrismo' ou 'eclesiatização' do cristianismo, que consiste na atribuição à Igreja do lugar central no sistema cristão"<sup>26</sup>. São palavras que dão que pensar, pedindo aos cristãos maior capacidade de olhar para fora do seu espaço restrito e das questões internas eclesiais e que podem também conduzir à pergunta que Normand Provencher coloca: "Que paróquia terá a audácia de empregar alguém para abrir novos campos de ação ou para atuar em domínios onde não existe um pedido de *religião*? A Igreja deixará que as suas prioridades lhe sejam ditadas por uma clientela cada vez menos 'numerosa' ou pela sua missão?"<sup>27</sup>
- c) A exigência de renovação pastoral apontada passa também pelo fomento de um estilo relacional e de fraternidade realmente vivida nas nossas

<sup>24</sup> Cf. I VESCOVI AUSTRIACI, *Annuncio e nuova evangelizzazione*, 490 (4.4.) "Nós temos necessidade hoje, mais do que nunca, de uma espiritualidade pastoral. A evangelização do mundo contemporâneo começa em nós, nas interpelações do Evangelho que nós entendemos nele, nas atitudes que adotamos face a ele. O desafio é deixar vir, com discernimento à luz do Evangelho, o que aspira a nascer em nós, na Igreja e no mundo": A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 264.

<sup>25</sup> Cf. M. BÖHNKE, *Wider die falschen Alternativen. Zur Hermeneutik des Zweiten Vatikanischen Konzils*, in *Catholica* 65 (2011) 169-183, particularmente 181; W. KASPER, *Die bleibende Herausforderung durch das II. Vatikanische Konzil. Zur Hermeneutik der Konzilsaussagen*, in *ID.*, *Theologie und Kirche*, II, Mainz 1999, 299.

<sup>26</sup> J. MARTÍN VELASCO, *La sal y la luz. Dos dimensiones de la presencia de las comunidades cristianas en la sociedad*, in *Sal Terrae* 100, (2012) 305.

<sup>27</sup> N. PROVENCHER, *Vers la paroisse responsable et évangélisatrice*, 67.

comunidades cristãs, que têm de aparecer – nas suas estruturas de coordenação como de missão ou de proximidade – como um espaço onde a pessoa, qualquer que seja a sua situação, saiba que é, será sempre acolhida. “Concebe-se demasiadamente a evangelização em termos de programas específicos, de iniciativas particulares, de projetos particulares ou de empreendimentos próprios, mas não suficientemente em termos de efeito, num dado espaço social, do viver em conjunto dos cristãos que constrói um novo imaginário social e dá a ver um modo alternativo de vida em conjunto”<sup>28</sup>. A pergunta que legitimamente se coloca sempre de novo é: onde está e como se vê em concreto a diferença cristã?

- d) A renovação pastoral das nossas comunidades cristãs não pode deixar de colocar a questão dos ministérios – ministério ordenado e ministérios batismais ou laicais<sup>29</sup>. Se de outra forma não for possível, ao menos tem de se dar lugar à tomada de consciência e ao diálogo franco entre pessoas que amam a Igreja e se preocupam com o futuro do anúncio cristão. Não é responsável nem corresponde a uma comunidade cristã que se quer adulta na fé prosseguir-se o caminho seguido até aqui, sem se refletir profundamente sobre a atual situação: que significa realmente a proliferação (agora, ao que parece, mais controlada e, ao que parece, progressivamente criticada) de celebrações dominicais da Palavra na ausência de Presbítero e como foram preparados os respetivos “Moderadores”? Como se pode compreender que a mulher esteja excluída dos ministérios laicais instituídos (até agora apenas dois) e se tenha caminhado para a solução dos “Ministros Extraordinários da Comunhão”, na realidade pensados como “suplentes” quando os “jogadores da equipa principal” não estão disponíveis? Como se justifica que, cinquenta anos depois do início do Concílio, uma das proposições do último Sínodo tenha ainda de lembrar que as Conferências Episcopais podem sugerir a eventual criação do ministério instituído do “catequista”<sup>30</sup>? É demasiado importante o que está em causa para não refletirmos minimamente sobre estas e outras questões.

<sup>28</sup> G. ROUTHIER, *Nouvelles paroisses*, 97.

<sup>29</sup> Cf. A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 271-273.

<sup>30</sup> Aludindo à Carta Apostólica *Ministeria Quaedam*, de 1972, o recente Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização lembra que as Conferências Episcopais podem pedir à Santa Sé a instituição do ministério do catequista: *Transmettere la buona notizia. Proposizioni – Elenco finale*, in *Il Regno – Documenti*, 1.11.2012, n.º 19 (1132) 597 (*Propositio* 29).

## 4. A urgência em privilegiar caminhos de iniciação e de formação permanente na fé

### 4.1. A renovação da iniciação e formação cristãs

A transmissão e proposta da fé supõe, decisivamente, uma renovação da iniciação cristã e dos caminhos de formação permanente da fé. Apresento algumas considerações simples a este respeito.

- a) Há um sentir generalizado (não lhe quero chamar “consciência operante”) de que se torna necessário reconsiderar em profundidade todo o processo de iniciação à experiência cristã. Estamos em busca de caminhos novos de iniciação, de catequese e de formação permanente na fé. Uma análise dos processos de reflexão e das experiências feitas noutros países convida-nos a uma refletida modéstia nesta matéria: não há soluções miraculosas; há sempre uma distância entre a teoria e a prática; a maior parte das vezes, trata-se apenas de pequenos passos possíveis; as transformações indispensáveis acontecem aqui, frequentemente, não tanto através de grandes iniciativas, mas pela via de uma progressiva mudança de mentalidade<sup>31</sup>.

Por isso, e sem qualquer enfraquecimento da indispensável busca em profundidade de novos caminhos em todo o processo da iniciação cristã, é necessário também relativizar unilateralismos catequéticos absolutizados. Se, por exemplo, a catequese da infância e da adolescência mostra as fragilidades que se conhecem, não se adiantará muito em passar para atitudes exclusivistas (do género: catequese para crianças e adolescentes, só se os pais aderirem em pleno, em jeito de catequese familiar ou intergeracional), sem se questionar as causas mais profundas da situação atual e sem se manter o indispensável realismo face às situações concretas. Do mesmo modo, não creio que seja de contrapor de forma exclusiva e unilateral “iniciação” cristã a “formação” na fé em termos de prioridade pastoral realista.

- b) De qualquer forma, é tarefa fundamental, prioritária, na maior parte das nossas comunidades, repensar de forma determinada e coerente a nossa atividade catequética. Nesse ponto temos vindo frequentemente a falhar com gravidade, porque pressupostos elementares falham completamente ou são marcados por grandes deficiências.

<sup>31</sup> Cf. H. DERROITTE, *Réinventer la catéchèse*, 341; D. VILLEPELET, *Catéchèse et crise de la transmission*, in H.-J. GAGEY – D. VILLEPELET (dir.), *Sur la proposition de la foi*, 77-91, aqui particularmente 78.

Em concreto, a pergunta é se, na organização, no funcionamento e na qualidade da nossa catequese, estamos à altura das interpelações que nos são colocadas neste momento. É evidente que os problemas fundamentais não se reduzem a uma mera questão de organização, ainda que a organização, o modo de funcionamento e sua possível eficácia sejam de enorme importância. Há questões teológico-pastorais prévias envolvidas na tarefa catequética que precisam de ser refletidas: com que apropriação inculturada da mensagem bíblica e da tradição eclesial acontece a catequese? Como se situa a catequese a nível de diálogo com as questões que emergem na experiência humana e crente dos catequizandos? Qual a visão da Igreja que prevalece? Não obstante toda a dedicação existente por parte de muitas pessoas, há problemas e tarefas que não podem ser ignorados: o sentido de que se trata de uma responsabilidade comunitária; a qualidade teológico-pedagógica da preparação dos catequistas; o grau e a qualidade da introdução efetiva na vida comunitária; as consequências da ausência de um verdadeiro e competente ministério laical do/da catequista. De resto, uma renovação da catequese não será viável se não acontecer ao mesmo tempo uma reflexão sobre a vida da paróquia e sua efetiva renovação.

- c) Em termos globais, o desafio aqui existente não apresenta dúvidas: na medida do possível, importa propor uma atividade catequética e formativa ampla, permanente, diversificada, que ofereça às pessoas e aos grupos um dispositivo variado que lhes permita ir caminhando na sua concreta situação humana e de percepção existencial da fé<sup>32</sup>. A nível de princípios e de modalidades técnicas e organizacionais, as possibilidades são muitas, atendendo às diferentes situações em que as pessoas se encontram (desde o despertar para a fé ou primeiro anúncio a processos de maturação da fé), às dimensões fundamentais do viver eclesial (anúncio da fé, celebração, serviço), à sensibilidade cultural das pessoas, aos modos de envolvimento da família, etc.

Na linha do que atrás se referia, muitas das iniciativas que já se fazem podem, devem ser verdadeiros lugares de aprofundamento da fé, de crescimento na adesão convicta e conseqüente ao Evangelho de Jesus. Mas, para isso, torna-se necessário crescer em "pequenos/grandes" pormenores qualitativos, sem os quais o problema da formação na fé permanece insolúvel: as potencialidades dos pequenos grupos, a abertura constante ao diálogo com as pessoas, a consciência de que se trata mais de uma

<sup>32</sup> Cf. A. FOSSION, *Vers des communautés cathéchisées et cathéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise*, in *Nouvelle Revue Théologique* 126 (2004) 598-613.

iniciação no modo de vida evangélico do que um ensino ou uma aprendizagem teórica são dimensões fundamentais a considerar. O desafio que se nos coloca é a formação de comunidades vivas que ofereçam um dispositivo iniciático: “Crer em Jesus Cristo, com efeito, particularmente na cultura secularizada de hoje, não é nunca um ato espontâneo que vai de si. A fé é um trabalho, uma gestação, um caminhar que pode ser lento e difícil entre credulidade e incredulidade. Hoje, num contexto secularizado, a fé é sempre um trajeto de dúvidas e resistências. Donde a necessidade de um acompanhamento na fé ou, noutros termos, duma iniciação”<sup>33</sup>.

- d) Neste contexto urge valorizar, numa perspetiva mais decididamente evangelizadora, os encontros de preparação e de celebração dos sacramentos e todas as situações de pedido do religioso que se dirigem à Igreja. A tarefa de um discernimento, teológica e pedagogicamente adequado, perante a realidade do catolicismo popular nas suas diversas expressões é essencial. Mas é preciso ter bem presente duas coisas: por um lado, há uma diferença entre o simples deixar correr por apatia ou falta de critério e a indispensável capacidade de acolhimento das pessoas; por outro, nunca se pode esquecer que a autenticidade e a radicalidade evangélicas contradizem todo e qualquer “rigorismo”; não têm muito a ver com a mera aplicação de regras canónicas estabelecidas, antes pedem capacidade de compreensão e acolhimento das pessoas na sua situação concreta e a disponibilidade ativa para fazer um caminho em conjunto; exigem também, em última análise, que se saiba sempre “deixar a Deus o que a Deus pertence”.
- e) Cabe a cada comunidade cristã traçar o seu caminho próprio, com as possibilidades que tem e tomando realisticamente em consideração as suas circunstâncias específicas. Princípios gerais pouco ajudam, se os responsáveis pastorais e se a própria comunidade cristã não se sentirem interpelados. Em última análise, está em causa a capacidade de cada comunidade cristã ser verdadeiramente sujeito da sua fé, com tudo o que isso implica de sentido da própria responsabilidade, possibilidades de participação nas decisões, consciência do que a identidade cristã exige.

<sup>33</sup> A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 267. Cf. ainda 278 s. Cf. igualmente D. VILLEPELET, *Catéchèse et crise de la transmission*, 87; ID., *L'Initiation en post-modernité*, in *Lumen Vitae* 66 (2011) 127-135; C. SCIUTO, *Primo annuncio e nuova evangelizzazione*, in *Rassegna di Teologia* 53 (2012) 263-276. “Não se pode falar de nova evangelização se a catequese de adultos não existe, é fragmentária, débil ou descuidada. Se há lacunas deste tipo, o ministério pastoral encontra-se diante de um desafio deveras gravoso”: *Transmettere la buona notizia. Proposizioni – Elenco finale*, 597 (*Propositio* 28).

## 4.2. A busca de superação das dificuldades com clarividência e determinação pastorais

Naturalmente que, face aos próprios limites e circunstâncias de cada comunidade, pressinto que surjam dificuldades de concretização e que se levantem obstáculos aparentemente intransponíveis a um dispositivo pastoral orientado em termos de formação diversificada e permanente da fé. Pode perguntar-se, por exemplo, pelas possibilidades reais que tem uma comunidade cristã, sozinha, de realizar minimamente tal tarefa. Pode também colocar-se a questão onde se encontram e com que disponibilidade catequistas bem preparados. É óbvio que a comunidade cristã tem de se abrir ao espaço eclesial envolvente (porquê, por exemplo, as vigararias continuam a ser realidades pastoralmente tão pouco relevantes?) como é clara a prioridade que merece, a curto, médio e longo prazo, a formação de catequistas, nas suas diversas possibilidades de concretização.

Sem ignorar estas e outras dificuldades reais, há, no entanto, que reagir com esperança decidida e visão do futuro. Nesse sentido vale a pena atender a alguns critérios que podem servir de orientação e estímulo a um pensar e agir realistas, mas com esperança.

- a) Sempre, mas talvez particularmente de novo nesta fase que estamos a viver, cabe-nos sobretudo "semear", isto é, propor com autenticidade o Evangelho e abrimo-nos a uma história comum com os nossos contemporâneos, sem pretender dominar o resultado final dos nossos esforços e iniciativas. O pior que poderia acontecer neste momento "crítico" seria cairmos na inércia que paralisa e perde a visão do futuro.
- b) Na formação da fé, há que ir ao centro, ao essencial, sabendo que há uma "hierarquia das verdades" a considerar (na afirmação, na estruturação e na vivência pessoal da fé)<sup>34</sup>, e apresentar esse centro de maneira razoável e argumentada, num esforço de verdadeira inteligência da fé<sup>35</sup>. Desse

<sup>34</sup> Cf. *Unitatis Redintegratio*, n.º 11. Cf. J. E. BORGES DE PINHO, *A recepção como realidade eclesial e tarefa ecuménica*, Lisboa 1994, 246-252.

<sup>35</sup> "Renovar a catequese no plano do seu conteúdo não significa propor uma 'outra fé', mas conseguir dizer esta fé de maneira razoável e argumentada e prestar contas de maneira coerente da nossa fé. Doutro modo, no momento em que o nível cultural cresce, o discurso cristão não chegará a ser tomado a sério. Há hoje um esforço de inteligência da fé a fazer e, no terreno, não são as boas vontades que faltam – mesmo se a gente se lamenta, por vezes, dos poucos recursos e da falta de revezamento – mas é sobretudo um deficit de inteligência da fé que limita a catequese. Eu não estou longe de uma tomada de posição a favor duma nova apologética – que não seja polémica nem controversista, e, acerca disto, eu insisto –, mas que conduza a uma expressão da fé culturalmente credível. Se não o fazemos seriamente, podemos temer quer a regressão no pietismo, quer

modo contribuir-se-á para que as pessoas saibam secundarizar os meros formalismos exteriores (as mãos “estilizadamente” erguidas dos acólitos, a receção da comunhão de joelhos, etc.) e percebam e deixem transparecer com naturalidade o essencial da existência cristã. Percebe-se que há que aliar o esforço da razão, da explicação esclarecida, a um estilo convidativo, afável, capaz de traduzir a oferta gratuita de um Deus que verdadeiramente nos ama. Cada vez menos se pode esperar uma atitude de fé fácil, quase caída do céu: “Ela não é espontânea. Ela é e será cada vez mais, no contexto que vem, o fruto dum trabalho pessoal, duma adesão livre, amadurecida e refletida. Donde a importância da razão. O pior, na situação presente, seria instalar-se na preguiça intelectual, nos discursos já completamente feitos, gastos, concordantes de antemão. A exigência espiritual, pelo contrário, é anuir a um trabalho da razão que se esforça por tornar a fé audível, inteligível, plausível para o homem contemporâneo na sua linguagem, sem, no entanto, procurar constrangê-lo”<sup>36</sup>.

- c) Mais do que apresentar verdades feitas e aparentemente sabidas, importa cada vez mais ouvir, deixar que as pessoas formulem a sua própria percepção e compreensão da fé. De um modo geral, na formação da fé há pouca preocupação em ouvir, em deixar que as pessoas apresentem as próprias questões, em escutar a sua própria percepção da experiência crente. Nesse aspeto é imperiosa uma outra capacidade de escuta, o que só é possível através duma valorização prioritária do “existencialmente vivido” em detrimento duma linguagem que se fixa simplesmente numa suposta “ortodoxia” ou não admite a busca própria no caminho da fé que cada crente é chamado a fazer<sup>37</sup>.
- d) Importa potenciar no seu significado interpelativo e formativo as diversas expressões de celebração da fé, celebrações que, por motivos diversos,

o fundamentalismo, quer o desenvolvimento duma apologética que seja precisamente reacionária e polémica, pois que inspirada mais no medo do outro que construída sobre uma base racional”: G. ROUTHIER, *Réinventer la catéchèse dans une société plurielle*, in *Lumen Vitae* 58 (2008) 326.

<sup>36</sup> A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 268. Cf. M. A. MEDINA ESCUDERO, *Desafíos para creer hoy*, 52.

<sup>37</sup> “A busca sincera e conscienciosa da verdade é inclusivamente uma possibilidade interna da fé. A fé pertence, com efeito, à situação de peregrino do homem e dirige-se a Deus que é sempre maior. Isto exclui toda a atitude presunçosa e arrogante que se fecha frente a perguntas e problemas, como se fossem contrários à dinâmica interna da fé; isto não seria uma fé especialmente consumada, mas uma forma atrofiada da verdadeira fé, escassa disposição para aprender e falta de abertura ao mistério sempre maior de Deus. A fé não é, pois, uma postura fixa e inamovível, mas um caminho. Por isso, não só há um caminho que conduz à fé, mas também um caminho na própria fé. Também na fé é válida a lei dos passos”: W. KASPER, *La fe que excede todo conocimiento*, Santander 1988, 62.

tantas vezes desperdiçamos, esquecendo o lugar primordial de "escola da fé" que a liturgia ocupa. "Propor a fé exige dar a sua oportunidade ao rito, *ousar ter confiança na liturgia*, tanto pela qualidade da sua execução como pelo respeito da sua forma própria, tendo em vista permitir que ela desempenhe perfeitamente o seu papel"<sup>38</sup>. A pergunta pelo tempo, pelo lugar, pelos modos, pela qualidade de celebração da fé tomou-se uma questão-charneira por onde passa, de uma forma mais significativa e ampla do que comumente se imagina, a possibilidade concreta de proposta e transmissão da fé. Temos de nos perguntar como funciona em muitas situações o modelo secular da missa dominical paroquial (não percebida por muitas pessoas que se dizem "católicas" como "necessidade", muito menos como "obrigação"). Temos de procurar encontrar expressões de oração que permitam vivificar no quotidiano a experiência espiritual dos cristãos, sem ter de recorrer – como única solução – simplesmente às formas de piedade do passado. Há uma "arte de celebrar" ao serviço da proposta da fé que tem de deixar transparecer a qualidade orante da celebração. Não se pode deixar de reconhecer como é desolador "verificar que nem a liturgia tal como ela é vivida concretamente domingo a domingo, nem a pregação que nela se faz, nem o resto da vida paroquial incluindo a catequese, sejam para a maior parte ocasião de verdadeira experiência espiritual"<sup>39</sup>.

## **5. Olhar com maior atenção e sensibilidade para as situações de fronteira e para os sinais múltiplos, ainda que porventura ténues, das buscas de Deus**

### **5.1. A sensibilidade para ver e compreender as situações de fronteira**

O nosso olhar crente continua ainda pouco sensível ao que acontece nas fronteiras do espaço eclesial ou mesmo fora dele. E esse risco é tanto maior quanto preocupações identitárias fechadas sobre si mesmas tendem a favorecer mentalidades de pendor dualista (assentes no confronto Igreja/mundo, muitas vezes ainda – ou de novo! – com a tendência para ver a Igreja como o "lugar de bondade e virtude" em contraposição ao mundo como "lugar de maldade e pecado"), centradas predominantemente no litúrgico em detrimento dos critérios

<sup>38</sup> F. PRÉTOT, *Sacraments et liturgie à l'heure d'une pastorale de la proposition*, in H.-J. GAGEY – D. VILLEPELET (dir.), *Sur la proposition de la foi*, 104. Cf. ainda 106 s. Cf. igualmente P.-A. GIGUÈRE, *Maturité de la foi: concept opératoire ou slogan cosmétique?*, in *Lumen Vitae* 63 (2008) 403 s.; L.-M. CHAUVET, *La "mystagogie" aujourd'hui: jusqu' où?*, in *Lumen Vitae* 63 (2008) 35-50.

<sup>39</sup> P.-A. GIGUÈRE, *Maturité de la foi*, 404.

nucleares do compromisso cristão e da coerência de vida nas circunstâncias do mundo, voltadas para concepções de pendor “jurídico-canônico” ou para aspectos secundários com alguma marca “clericalista” e deixando muitas vezes na penumbra o que é verdadeiramente importante em termos de substância da fé.

Não há que fechar os olhos perante estas tendências, sobretudo quando elas emergem no âmbito da formação teológica ou em jovens presbíteros. Pelo contrário, se é compreensível a existência de movimentos pendulares no modo como se valorizam os diversos aspetos da existência cristã, se é inevitável algum “conflito de interpretações” no modo como se entendem e praticam os caminhos de receção do Concílio Vaticano II, já não são compreensíveis nem aceitáveis saudosismos retrógrados que, em nome de uma “tradição” individualmente selecionada ou numa atitude de autodefesa perante os questionamentos da sociedade, põem em causa dados inquestionáveis de uma consciência humana e cristã amadurecida, manifestam incapacidade para um criterioso discernimento entre o trigo e o joio, assumem uma mentalidade e uma atitude de inegável espírito sectário, por mais “cristãmente” militante que pretenda ser. Em última instância, absolutizam-se critérios de ordem pessoal e grupal, como se fossem o único posicionamento adequado da Igreja face a problemas de ordem eclesial, social, ética, etc.

## **5.2. Uma sensibilidade apurada aos critérios evangélicos, sinalizadores da visão cristã de Deus**

Torna-se assim necessário ir às atitudes evangélicas que enraízam a fé e buscar aí elementos de criteriologia que nos apontam caminhos e nos podem ajudar na responsabilidade atual de propor e transmitir a fé.

- a) Propor e transmitir a fé exige, de facto e antes de mais, a capacidade de nos sabermos testemunhas do amor incondicional de Deus e da esperança de vida que esse amor misericordioso pode suscitar sempre de novo, mesmo quando, aos nossos olhos, Deus parece estar ausente. Tudo começa pela capacidade de, apesar de tudo, sabermos ver os sinais da sua presença e de nessa atitude espiritual sabermos dar os passos que nos são pedidos.
- b) Trata-se, assim, de começar por olhar para os cristãos situados “na fronteira”: na fronteira da indiferença (cf. por exemplo, a questão da prática dominical<sup>40</sup>); na fronteira do desânimo; na fronteira da desilusão com a

<sup>40</sup> Cf. PH. BACQ, *Relire les évolutions actuelles à la lumière de l'Évangile*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 24.

Igreja; na fronteira das exclusões eclesiais (por exemplo, divorciados que voltaram a casar...); na fronteira das opções sociais e políticas que não são bem as nossas, as mais comuns. Os cristãos e as comunidades cristãs são interpelados a correr o risco do acolhimento, procurando situar-se no lugar do outro<sup>41</sup>.

- c) Importa tomar verdadeiramente a sério o facto de que os caminhos de descoberta e de acolhimento do Deus cristão não se confundem pura e simplesmente com os caminhos do religioso, com a forma religiosa de encarar o mundo e suas tarefas. No meio do secular há/pode haver abertura ao Mistério de Deus; no meio do agnosticismo ou da negação formal da crença em Deus pode haver prática concreta de fidelidade ao Mistério de Deus e ao que Deus significa para a vida humana. O desaparecimento de sinais religiosos explícitos não significa a ausência de busca de transcendência. Não se trata de renunciar ao anúncio do Evangelho; o que se pede é a capacidade de aceitar que o reconhecimento da verdade tem o seu próprio ritmo em cada pessoa e, nessa linha, ajudar com a nossa palavra e o nosso testemunho a que a pessoa, onde e como quer que se encontre, desperte para a questão de Deus.
- d) Nesta ordem de ideias é fundamental traduzir a proposta cristã em sinais de verdadeira humanidade. Na questão de Deus está em causa a questão do ser humano, da autenticidade, verdade e plenitude da sua humanidade. Pede-se aos cristãos cada vez mais um estilo de vida que seja marcado por uma verdadeira e profunda humanidade. Precisamente este elemento de humanidade, que é referência imprescindível da fé, pode tornar-se o lugar privilegiado da evangelização. Afinal, somos cristãos para sermos pessoas humanas, não seres humanos para sermos cristãos<sup>42</sup>.
- d) A consciência da tarefa de transmitir e propor a fé manifesta como indispensável prestar uma atenção mais cuidada à situação dos jovens e ouvir mais o que eles (crentes e, sobretudo, não crentes) nos têm para dizer.

<sup>41</sup> Cf. A. FOSSION, *L'Évangélisation comme surprise*, in *Lumen Vitae* 59 (2004) 35-46, particularmente 38 ss.; PH. BACQ, *Relire les évolutions actuelles*, 27 ss.

<sup>42</sup> Cf. J. MOLTSMANN, *Christsein, Menschsein und das Reich Gottes. Ein Gespräch mit Karl Rahner*, in *Stimmen der Zeit* 203 (1985) 629. "Uma outra coisa julgamos digna de consideração: toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesiástico como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a ideia de serviço ocupou o lugar central": *Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II* (7 de dezembro de 1965), in [http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio_po.html) (consulta confirmada a 8.2.2013).

Nesta disponibilidade de escuta uma "opção pela juventude" não pode deixar de atravessar a vida das nossas comunidades. Não há atitude de espírito missionária sem esta clara consciência do lugar que cabe aos jovens, das interrogações que colocam à nossa maneira de pensar e de viver<sup>43</sup>.

- e) Do mesmo modo, a realidade "família", cristã ou não, pede uma nova atenção dos cristãos e das comunidades cristãs<sup>44</sup>. O que tem de acontecer certamente e desde logo pela superação de um discurso idealista que passa bastante ao lado da vida real das famílias: não se pode exigir o que a família, nas circunstâncias atuais, não pode dar. Há que saber olhar para a realidade familiar concreta, nas suas múltiplas facetas e condicionantes, e colocar a questão das possíveis ajudas que podem e devem ser prestadas, por exemplo através de pessoas especialmente qualificadas para esse serviço e para além do espaço da comunidade cristã. A "emergência educativa" em que nos encontramos é visível em vários registos, desde logo na recapacitação das famílias para o cumprimento do seu papel na formação humana, mas também no que respeita à fé.

## 6. O papel, o testemunho indispensável de "personalidades crentes"

### 6.1. O lugar fundamental do testemunho crente apelativo e interpelativo

A transmissão e proposta da fé está indissolivelmente ligada ao testemunho de pessoas que mostrem o que ela verdadeiramente significa para o viver humano e sua qualidade, em todos os aspetos e dimensões. Desde o princípio, o testemunho do Evangelho só foi possível através de testemunhas que, com a sua palavra e sobretudo com a sua vida, deixaram transparecer sinais da verdade e da força salvífica do mesmo Evangelho. A adesão da fé, como atitude plenamente humana, supõe uma opção livremente assumida, pessoalmente

<sup>43</sup> Cf. R. ALBERTO, *A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização*, in *Theologica*, 2.<sup>a</sup> Série, 47, 1 (2012) 71-95; A. TEIXEIRA, *A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente*, in *Theologica*, 2.<sup>a</sup> Série, 47, 1 (2012) 99-113; A. TORRAÑO FERNÁNDEZ, *Jóvenes y nueva evangelización: escenario y desafíos*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 525-538; G. ROUTHIER, *Une nouvelle donne en pastorale de la jeunesse*, in *Lumen Vitae* 61 (2006) 129-141; L. OVIEDO TORNÓ, *Qué ofrece la fe cristiana a las nuevas generaciones?*, in *Razón y fe* 1363-1364 (2012) 405-420.

<sup>44</sup> Cf. a este respeito G. DE TAISNE, *La Famille aujourd'hui. Paradigmes et enjeux pour la transmission de la foi*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 391-407; G. ROUTHIER, *Le Rôle de la famille dans la formation chrétienne*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 451-460.

amadurecida, assente em convicções básicas fundamentais. No contexto em que somos chamados a viver, acreditar em Jesus, com tudo o que tal acarreta de contraste com critérios e perspetivas dominantes de vida, representa ainda mais o caminho indispensável de uma opção livre e responsabilmente assumida de orientação da própria vida e exige convicções pessoalmente amadurecidas; pressupõe de novo e cada vez mais um ato de demarcação escolhida e mantida face a outras alternativas, com tudo o que isso implica de tomada de posição, de responsabilidade própria, de capacidade de palavra explicativa para os outros<sup>45</sup>.

Para que isso seja possível, num ambiente muitas vezes hostil, em qualquer caso a maior parte das vezes indiferente, são necessários indicativos credíveis, figuras vivenciais da fé que exemplifiquem de modo apelativo e interpelativo o sentido e a validade do caminho crente. A fé só se transmite e pode ser proposta, pois, a partir de caminhos de vida significativos, onde resalte alguma exemplaridade de consistência e qualidade humanas no modo de viver. “No deserto é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança”<sup>46</sup>.

## 6.2. A indispensável emergência de “personalidades crentes”

Neste contexto de reflexão faço quatro anotações.

- a) Uma das maiores dificuldades com que a transmissão e a proposta da fé se debate hoje em dia no nosso contexto terá a ver com o que se pode designar como a erosão da presença e visibilidade crentes em contextos decisivos da sociedade atual, mais concretamente ainda, com a erosão da “personalidade crente”/de “personalidades crentes” na vida quotidiana da Igreja e da sociedade. Com esta expressão, certamente porventura algo ambígua, não quero dizer “personalidades mediáticas” (que também o podem ser!), mas pretendo designar simplesmente pessoas crentes, verdadeiramente sujeitos da sua própria história de fé, capazes de assumir

<sup>45</sup> Cf. J.-L. SOULETIE, *Une désignation théologique du présent comme crise*, 34; J. MARTÍN VELÁSICO, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, 85 ss.

<sup>46</sup> BENTO XVI, *Homilia na Missa para a abertura do Ano da Fé* (11.10.2012), in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20121011\\_anno-fede](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede) (verificado a 8.2.2013).

as responsabilidades a tal inerentes, conscientes da sua legítima autonomia, capazes igualmente de tomarem a palavra na vida quotidiana da Igreja e de serem intervenientes nos processos de ação e transformação aos mais diversos níveis da sociedade. Em última análise, estamos a falar da necessidade de testemunhas pessoais, de pessoas marcadas por um sentido de uma verdadeira humanidade e que realizem exemplarmente o ato e o conteúdo da fé eclesial.

- b) Se foi notória uma certa revitalização do laicado no pós-Concílio (em grande parte, na sequência de um trabalho anterior ao Vaticano II dinamizado sobretudo pela Ação Católica), os últimos tempos têm vindo a ser marcados bastante (aqui e acolá, porventura, até favorecidos) por atitudes passivas, pela prevalência de um individualismo consumista, por mentalidades intimistas, por sinais de ausência ou até de indiferença face ao quotidiano eclesial. Por causas muito diversas, que não será fácil explicar na sua globalidade, ainda que seja irrecusável a questão sobre os “lugares” *onde* e os “modos” *como* se forma o povo crente, não parece que tenhamos crescido muito nos últimos anos neste aspeto de uma consciência laical ativa e interventiva, no desenvolvimento concreto e autêntico do “sentido da fé” dos crentes. Ou seja, não parece que tenha acontecido uma emergência bem perceptível – tanto na vida das nossas comunidades como no diversificado espaço público – de cristãos, homens e mulheres, que, pelo seu empenho nas mais diversas situações e pela qualidade carismática do seu serviço na Igreja e no mundo, sejam vistos e reconhecidos como “personalidades crentes”.
- c) Toma-se cada vez mais urgente, pois, assumir a tarefa de uma educação da fé consciente das exigências e especificidades da presença e intervenção quotidianas dos cristãos no mundo, em responsabilidade própria, mas com sentido de Igreja. O que terá de acontecer através de uma opção, assumida com todas as consequências, no sentido de se favorecer a possibilidade concreta e inquestionada de um laicado verdadeiramente adulto, assente em processos sólidos de amadurecimento da fé e de responsabilização interventiva eclesial<sup>47</sup>.

Nesse sentido é imperativo examinar em que medida, na educação da fé e na vida global das comunidades cristãs, se está a fomentar ou a limitar esses desenvolvimentos. Trata-se, designadamente em termos de espiritualidade cristã, de ajudar a que a fé anime interiormente a estruturação

<sup>47</sup> Cf. M. C. L. BINGEMER, *El Concilio y la emergencia del laicado*, in *Concilium* 346 (2012) 407-418, particularmente 416-418; M. de F. MIRANDA, *É possível um sujeito eclesial?*, in *Perspectiva teológica* 119 (2011) 55-82.

humana fundamental da pessoa, de modo que ser cristão corresponda a tornar-se (ir-se tomando) uma personalidade convicta e convincente tanto sobre o plano humano como sobre o plano crente, em busca humilde de fidelidade ao Evangelho. É a tarefa de ajudar a que os crentes cresçam na abertura aos problemas reais dos outros e estejam dotados de uma apurada sensibilidade eclesial, social, cultural, política. Em última análise, estamos a falar da necessidade de testemunhas pessoais, de pessoas marcadas por um sentido de uma verdadeira humanidade e que realizem exemplarmente o ato e o conteúdo da fé eclesial de um modo pessoal, insubstituível, que possam, afinal, ser reconhecidos na sua santidade de vida.

- d) Uma "personalidade crente" não pode ter medo do desafio intelectual, não pode fugir ao esforço de uma compreensão aprofundada da sua fé. Uma espiritualidade cristã que não valorize adequadamente a necessidade e a capacidade de os cristãos saberem apresentar e propor argumentativamente a sua fé corre o risco de não estar à altura dos tempos atuais e de fragilizar significativamente a possibilidade da transmissão e da proposta da fé<sup>48</sup>. Nesse sentido, há quem apele, com razão, à necessidade de reavivar e reatualizar a dimensão "apologética" do cristianismo como capacidade, em traços novos, de apresentar e propor argumentativamente de forma credível a sua fé, de dar razões da própria fé no debate contemporâneo das culturas<sup>49</sup>. Está aqui uma tarefa de fundamental importância.

## 7. A capacidade de saber comunicar ao serviço da proposta da fé

Ato de comunicação no sentido mais amplo e diversificado da palavra, a transmissão e a proposta da fé exigem atenção ao que acontece neste domínio, sem dúvida um âmbito cada vez mais exigente em termos de capacidade pessoal e de responsabilidade comunitária. Num campo tão vasto e em plena evolução, limito-me aqui a três breves observações, com a simples pretensão de apenas sublinhar como passa por aqui um dos vetores decisivos da transmissão e proposta da fé nos tempos atuais e futuros.

- a) Embora seja óbvio, não será inútil lembrar a importância crucial, mesmo decisiva, que têm o "modo", o "como", a "qualidade" da comunicação

<sup>48</sup> Cf. W. KASPER, *Die Weitergabe des Glaubens. Schwierigkeit und Notwendigkeit einer zeitgemässen Glaubensvermittlung*, in ID., *Theologie und Kirche*, I, Mainz 1987, 132 s.

<sup>49</sup> Cf. D. VILLEPELET, *Essai de problématisation de la nouvelle évangélisation*, in *Lumen Vitae* 67 (2012) 152.

da fé, e isso tanto mais quanto não está em causa simplesmente a transmissão de um conjunto de ideias e de valores, mas a possibilitação de um encontro pessoal, da descoberta de Alguém como sentido de toda uma vida, aspeto este já devidamente sublinhado no início desta reflexão. Exige-se, pois, que se preste uma atenção mais cuidada a um conjunto de fatores que condicionam, fomentando ou limitando, o ato de comunicação da fé: a atitude verdadeira e humilde de quem propõe; o respeito pelo destinatário e sua experiência de vida; a capacidade de "sentir com" os outros (para se poder compreender onde a pessoa realmente se encontra); a busca da justeza das palavras; o cuidado a tomar quanto às diversas mediações e modalidades da comunicação. Dito de outro modo: toma-se necessário procurar constantemente um estilo de comunicação que exprima respeito profundo pelo interlocutor, que seja verdadeiramente dialógico (não feito simplesmente de cima para baixo), que deixe transparecer a gratuidade do que está em causa, que se traduza num modo motivante e acolhedor de apresentar a proposta cristã (sem deixar de ser saudavelmente argumentativo), que possa ser percebido não como "monopolizante" e "dominador", mas como a atitude de alguém que acompanha, que procura ser companheiro de viagem num caminho em que todos, afinal, estamos envolvidos<sup>50</sup>. A proposta da fé oferece-se ao livre reconhecimento do interlocutor, tanto à sua inteligência como ao seu coração, enquanto valor de vida e traduz-se num modo de ser e de agir, numa certa espiritualidade pastoral, num estilo marcado pela gratuidade, pelo acolhimento, pela bondade<sup>51</sup>. A pergunta simples e direta é: sabemos propor a fé?

- b) A questão é tanto mais pertinente quanto se verifica no quotidiano eclesial que há grandes dificuldades em termos de comunicação linear e transparente. Habitados sobretudo a uma "comunicação de cima para baixo" e mentalmente muito marcados por esse estilo, temos dificuldade em encontrar processos dialógicos e transparentes de comunicação, não preparamos adequadamente os crentes para a capacidade de a comunicar em responsabilidade própria no espaço público, preferimos por vezes o silêncio ou as meias palavras à comunicação direta e frontal do que tece a vida eclesial. As dificuldades da Igreja em dialogar com a cultura, com a política, com o mundo da ciência e da economia, etc., têm

<sup>50</sup> Cf. F. BOUSQUET, *Conclusion. Prendre au sérieux, en théologie, la proposition de la foi*, in H.-J. GAGEY – D. VILLEPELET (dir.), *Sur la proposition de la foi*, 168; I VESCOVI AUSTRIACI, *Annuncio e nuova evangelizzazione*, 496 (T.4.).

<sup>51</sup> Cf. A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 269.

aqui as suas raízes (ainda que não as únicas causas). A comunicação é um elemento transversal das diversas estruturas eclesiais, e toda a ação pastoral da Igreja tem de ser o mais comunicativa possível. Não atender a isso é fragilizar, senão mesmo pôr em causa condições essenciais de transmissão e proposta da fé.

- c) Cada vez mais se vem tomando consciência de que as novas possibilidades e tecnologias de comunicação não são apenas instrumentos de entrada em contacto e relação uns com os outros, mas constituem autênticos “ambientes de vida”, lugares e formas diversificados de intercâmbio e de diálogo aos mais diversos níveis, espaços onde se exprime cada vez mais o viver humano. Também para a Igreja, os novos meios de comunicação serão, cada vez mais, espaço da sua própria vida (a “paróquia virtual” tornar-se-á em maior escala “paróquia real”), cenário cultural onde tem de estar presente e desenvolver a sua missão; em certo sentido poderão ser designados como as “novas catedrais” (Mons. J.-M. di Falco Leandri) dos tempos modernos<sup>52</sup>. Estamos, inquestionavelmente, diante de novas oportunidades para a proposta da fé, a solicitarem uma presença evangelizadora, competente e criativa dos cristãos, chamados a ser também evangelizadores digitais. Se é impossível medir o alcance que estas novas realidades virão a ter na transmissão e proposta da fé, não há qualquer dúvida de que passará por aqui – pelo modo e pela qualidade da presença na rede – uma interpelação decisiva à capacidade de os cristãos testemunharem de forma renovada a sua fé, anunciarem o Evangelho de Jesus de modo adequado a novas estruturas culturais, assumirem uma atitude estimulante e propositiva de valores como contributo fundamental para a humanidade das pessoas e a convivência fraterna entre os povos.

## 8. Desafiados a viver um “amor que é digno de fé”

Sacramento do amor de Deus no mundo e pelo mundo, a Igreja é, na linha do que se acaba de referir, esse sinal e instrumento da dedicação amorosa de Deus à humanidade em Jesus Cristo e na força do seu Espírito em toda a sua vida, na realização das funções ou dimensões fundamentais que constituem a sua identidade e estruturam a sua missão: o anúncio do Evangelho, a celebração da fé, o serviço fraterno. A diaconia – “o serviço do amor do próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado”<sup>53</sup> – não surge simplesmente no

<sup>52</sup> Cf. a este respeito todo o fascículo de *Lumen Vitae* 66, n.º 3 (2011).

<sup>53</sup> *Deus Caritas Est*, n.º 21.

prolongamento ou como consequência da fé e da vida eclesial, mas situa-se no coração da vida cristã e da Igreja, sendo a prática do amor cristão constitutiva da natureza da Igreja<sup>54</sup>. Para a transmissão e proposta da fé estamos, pois, diante de algo absolutamente nuclear. Reflito brevemente, a concluir, sobre o significado do serviço fraterno, da diaconia, para a transmissão e a proposta da fé.

- a) Essa importância nuclear do serviço fraterno baseia-se, desde logo, no facto de que a diaconia, sob todas as suas formas, não é separável do anúncio do Evangelho (como o anúncio do Evangelho é já diaconia, serviço prestado ao ser humano) e da celebração da fé (o serviço fraterno é verdadeiramente celebração crente na e da vida quotidiana). Mas esse lugar crucial da diaconia emerge sobretudo no facto de que o serviço do amor cristão é a verificação efetiva, o sinal mais perceptível e credível da verdade e validade do Evangelho que a Igreja anuncia. "Vede como eles se amam" – "vede como eles nos amam": nestas duas expressões, inseparáveis entre si, vêm ao de cima a identidade e a missão que atravessam a vida da Igreja ao serviço do amor de Deus pelo mundo. O testemunho da caridade cristã, radicada no amor a Deus e ao próximo como expressão nuclear do Evangelho, é o ponto nevrálgico, a pedra de toque da fidelidade cristã.
- b) Vivendo a caridade – na sua faceta de proximidade relacional, mas não menos nas suas dimensões de abertura universal e de responsabilidade pública –, os cristãos e as comunidades cristãs são chamados a dar sinais da novidade evangélica e das suas possíveis concretizações humanizadoras no meio das circunstâncias do mundo. "A primeira missão das comunidades – escreve André Fossion – é reconhecer e favorecer a disseminação de figuras do Evangelho na sociedade. Entendemos por 'figuras do Evangelho' atitudes, comportamentos, ações, serviços que, efetivamente, para além do seu sentido e do seu valor imediatos, podem fazer pensar no Evangelho. [...] A primeira missão dos cristãos é favorecer a emergência e a disseminação das figuras do Reino no tecido social: a assistência mútua, o apoio dos frágeis, a educação dos jovens, a visita dos doentes, o acompanhamento dos moribundos, o perdão das ofensas, a libertação dos maus espíritos, a reconciliação entre os adversários, o combate pela justiça. Contribuir para a emergência e a disseminação das figuras do Reino é, na realidade, identicamente, pôr-se ao serviço duma humanidade mais humana"<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> Cf. É. GRIEU, *Catéchèse et diaconie: mariage d'amour ou de raison?*, in *Lumen Vitae* 67 (2012) 245-258, aqui particularmente 255.

<sup>55</sup> A. FOSSION, *Annonce et proposition de foi d'aujourd'hui*, 274.

- c) Não faltam sinais que indiciam que a Igreja é interpelada decididamente a exercer o seu serviço diaconico no mundo e, simultaneamente, como esse serviço é chamado a ser um contributo decisivo para o futuro da humanidade, cada vez mais necessitada de uma verdadeira cultura de solidariedade. De múltiplas formas possíveis, sob a iniciativa individual e como responsabilidade comunitária, por obras de proximidade mas também por gestos de longo alcance, a Igreja é desafiada a sair do espaço interno eclesial e a trabalhar para o estabelecimento duma cultura de solidariedade, mostrando como a questão de Deus tem a ver com a questão do Homem e como só uma transformação profunda dos critérios de vida pode dar uma esperança nova à possibilidade de um viver solidário da humanidade.

Trata-se aqui, por exemplo, de criar espaços de debate sobre os problemas que comprometem o futuro da sociedade, mas sobretudo de, no modo de viver, dar sinais concretos por onde passa essa cultura da solidariedade: desde a sobriedade nos estilos de vida à qualidade das relações pessoais e sociais; desde a partilha de bens com sentido de justiça ao sinalizar de uma nova relação com o dinheiro e à criatividade na busca de soluções para os problemas concretos vividos pelas pessoas. "Talvez seja tarefa de um par de séculos; certamente, é tarefa para os cristãos, que reconhecemos na extensão e no aprofundamento da solidariedade o caminho para a comunidade humana única a que somos chamados por Deus"<sup>56</sup>.

- d) Transmitir e propor a fé pede esta capacidade de os cristãos se comprometerem com todos os homens e mulheres de boa vontade na construção de um mundo mais humano, onde se deixem ver traços do Evangelho de Jesus. Trata-se aqui, antes de mais, sem proselitismo nem eclesiocentrismo, de saber acolher, interpretar e fomentar o poder criador e salvífico de Deus atuante em todo o ser humano, ajudando a que a humanidade atue, também ela, cada vez mais em correspondência ao plano amoroso de Deus a seu respeito. A luz do Evangelho e a força do Espírito de Jesus apelam a que, nesse caminho, os cristãos sejam capazes de ir assumindo atitudes verdadeiramente proféticas, de interpelação da consciência humana e de indicativo de um mundo diferente a construir.

<sup>56</sup> G. FABRE, *Lecciones de la crise*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 606. Cf. P. J. GÓMEZ SERRANO, *Perspectivas de futuro?*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 607-621, aqui 621; J. I. GARCÍA JIMÉNEZ, *Dios y la economía. Una espiritualidad del dinero*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 643-655, particularmente 650 s.

Nesse sentido da indissociável articulação entre Evangelho e profecia encontra um lugar privilegiado de indispensável concretização a “opção preferencial pelos pobres”<sup>57</sup>. A questão mais decisiva da autenticidade cristã tem a ver com aquilo que os mais pobres e necessitados pensam e esperam da Igreja e do agir cristão. É aí, de facto, que o amor cristão mostra, em definitivo, que é “um amor digno de fé”. E, não obstante todas as contradições que nos ameaçam constantemente (como pessoas e como comunidades cristãs) e por maiores que sejam as nossas debilidades nesta matéria, nunca podemos ignorar que o futuro da transmissão e da proposta da fé está estruturalmente ligado à prática o mais coerente possível do amor fraterno<sup>58</sup>. Está aqui – na força profética do testemunho cristão de um “amor digno de fé” e na palavra profética da Igreja no espaço público – algo de absolutamente decisivo para o futuro da transmissão e proposta da fé no presente e no futuro.

<sup>57</sup> Vale a pena recordar neste contexto as seguintes palavras de D. Helder Câmara: “Quando alimentei os pobres, chamaram-me santo; mas quando perguntei porquê há gente pobre, chamaram-me comunista” – cit. in J. I. GARCÍA JIMÉNEZ, *Luz del mundo. Miradas cruzadas entre la sociedad y la Iglesia*, in *Sal Terrae* 100 (2012) 333. Cf. F.-X. AMHERDT, *Évangile, prophétie, option pour les pauvres et nouvelle évangélisation. Échos du 3.e Forum “Fribourg – Église dans le monde”, du 1.<sup>er</sup> au 4 décembre 2011*, in *Lumen Vitae* 67 (2012) 227-234.

<sup>58</sup> Cf. J. MARTÍN VELASCO, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, 92 s.